



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ALINE DA SILVA FERREIRA**

**(depoimento)**

**2012**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Aline da Silva Ferreira

**Entrevistadora:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Local da entrevista:** Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – Rio de Janeiro.

**Data da entrevista:** 22/03/2012

**Processamento da Entrevista:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Número da entrevista:** E-486

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2014

### **Informações complementares:**

#### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## SUMÁRIO

Início e trajetória na Luta Olímpica; Reação da família; Conquistas pessoais através do esporte; Possibilidade de estudar e a influência do esporte; Motivação e dificuldades enfrentadas na Luta Olímpica; Interesse do público nas competições; Mídia; Possibilidade da Luta Olímpica ficar fora das Olimpíadas de 2020; Fonte de renda; Diferenças percebidas entre a Luta Olímpica masculina e feminina; Rotinas de treinamento; Feminilidade e práticas de lutas; Mudanças no corpo atribuídas à Luta Olímpica.

V: Estou neste momento com a atleta Aline Ferreira, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Aline, comente sobre sua inserção na modalidade. Como aconteceu?

A: Eu comecei no judô aos 12 anos e aí eu fui treinar no Centro Olímpico onde tinha um professor inglês que dava aula de judô e luta olímpica e ele percebeu, assim, que eu tava meio desmotivada assim com tudo, já a ponto de parar e começou a insistir para eu ir pra Luta, né. Eu não queria, não queria, mas aí o grupinho de amigos que eu vivia já tava ali fazendo Luta; teve um campeonato brasileiro no clube e ele acabou me convencendo a participar do campeonato, só pra ver como que era. Fiz dois treinos só e acabei sendo campeã brasileira, o que muito me motivou, sem dúvida, né. Fui campeã brasileira usando golpes de judô, que já era muito acatada, como se diziam na época, que é bem adaptado com a luta, né. Viajei pra fora e aí fiquei deslumbrada com a Luta Olímpica. Não quis mais parar.

V: Na primeira competição já foi campeã?

A: Foi, foi...

V: Descreva, então, sua trajetória, desde que você começou até o momento atual.

A: Então, eu continuei treinando no Centro Olímpico. Na época eu era cadete, tinha 16 anos. Mas aqui no Brasil não tinha competições de cadete nem sênior, então eu lutava sênior. Comecei integrando a equipe brasileira sênior. Tinha 67 quilos na época; subi pra 72, logo após, no ano seguinte, aí eu comecei a disputar com as meninas sênior, nem sempre eu fiquei na seleção sênior, eu passei pra seleção júnior. No júnior eu consegui ser campeã Panamericana, fui vice-campeã mundial em 2006, que até hoje é um título inédito. Em 2007 eu perdi a seletiva pro Pan pra Zanza, que é uma grande atleta, foi campeã olímpica, inclusive. E, no último Pan, de Guadalajara, eu medalhei, fiquei em segundo, ano passado por um pouco eu não consegui ir para as Olimpíadas também, e aí assim também eu passei por uma fase de lesões. Tive lesão, tô com uma lesão na coluna, que hoje tá sanada; tive doença na tireoide e ainda estou em tratamento. Então foi uma fase bem perturbada pra mim, que meu rendimento caiu muito e atrapalha em

tudo, né, então... E agora eu tô voltando, voltando a ficar forte, voltando a ser o que eu era, a fazer grandes lutas e eu acho que pra 2016 aí eu vou me recuperar (rsrs).

V: Teve também a conquista recente lá na Bulgária...

A: É... Mas, o que importava pra mim no ano passado, acho que o atleta é muito objetivo, né, é a classificação olímpica, e pra mim assim, não importa as outras lutas, era aquela que era importante e eu não alcancei. Então pra mim zerou. A Bulgária pra mim é só um passo pra o próximo objetivo, olimpíadas 2016. Então, eu não conto muito, sabe. A gente eu acho que foca e isso só faz parte.

V: E como que você, não sei se posso dizer que escolheu mas, que possibilidades você viu na Luta Olímpica?

A: Sim, foi uma escolha sim. Chega uma hora que a gente tem que escolher. No início eu falava que eu ia ficar na Luta, mas não ia abandonar o judô, porque meu sonho olímpico era no judô e tal e tal. Aí, fazendo parte da seleção brasileira sênior eles me mandaram para o Mundial em Nova Iorque, inclusive a gente lutou no Madison Square Garden, foi assim uma experiência não sei nem medir, sabe? Americano já tem essa mania de fazer show em tudo. Então foi um grande espetáculo o campeonato, com muita gente de toda parte do mundo, coisa que eu nem imaginava. Eu tinha assim a visão leiga de muitos brasileiros de que a Luta Olímpica era um esporte novo, não muito praticado, porque aqui no Brasil a gente não conhece. Quando eu fui pra fora eu vi: “Gente! Como é grande esse esporte no mundo. Como que aqui no Brasil a gente não conhece, não pratica, né?” E aí eu acho que você toma como um desafio, né. É um desafio trazer para o Brasil. É legal ser pioneira porque as primeiras sempre serão lembradas. Então, além do desafio tem esse gostinho, acho que foi tudo isso, assim. Eu tenho como missão, assim, fazer a Luta um dia chegar no patamar que está o judô e o vôlei hoje no Brasil.

V: E sua família, como reagiu ou reage?

A: Ah, né, minha mãe. Minha mãe, né, minhas tias, assim, no começo, também os amigos, ninguém levava a sério, falavam: “Ai você ainda tá fazendo esse negócio lá? Tá indo pro judô? Pra quê que você tá fazendo isso? Tá perdendo tempo, não sei o quê”. E eu gostava, né. Algumas pessoas da minha família comentavam que eu ia ficar muito masculina: Esse esporte é pra homem, não é pra mulher! Minha mãe, inclusive, não apoiava no começo, ela queria que eu fizesse Jazz. Ela tentou me forçar a fazer informática. Falou: Se você não for pra informática, você não vai pro judô! Eu cabulava a informática e ia pro judô. Então assim no começo, como ninguém me levava a sério, tinha assim um preconceito, foi um pouco complicado de fazer as pessoas entenderem que era aquilo que eu queria. Mas eu acho que na hora que eu comecei a ganhar campeonato, a ganhar incentivo, a ganhar bolsa na escola e algum trocado porque lá em São Paulo tinha alguns Projetos, começou-se a perceber que não, era sério, comecei a viajar. Inclusive a minha primeira viagem, que foi no judô, foi turbulentíssima na seleção brasileira judô de pré-juvenil. E eu acho que eu comecei a ser levada a sério. Aí, assim, quando eu tinha uns 5 anos praticando judô, uns 4 ou 5 anos, eu não sei, crise de atleta, de adolescente, sabe. Você começa a chegar na adolescência e perceber que sua vida não vai ser normal e perceber que você não vai poder sair pras festinhas igual os amigos fazem, você não vai poder comer de tudo, a tua vida não é normal. E aí eu acho que você começa a entrar em crise. Você começa a falar: “Não! Eu quero parar! Não quero mais isso! Não leva a nada”. Primeira vez que eu falei que queria parar: “Nossa! Quase... Tá louca? Não vai sair”. Aí que eu percebi que já me viam diferente no esporte, que já não era uma coisa assim que eram contra. Hoje ou naquela época se falasse que eu ia parar de fazer minha mãe tinha um treco já, que aí ela mesma sentiu diferença no meu comportamento como adolescente, na minha vida, assim, ela já começou a ver diferença. Eu dava muito problema quando eu tinha meus 11 anos antes do judô. Eu acho que quando eu comecei no esporte, minha mãe viu diferença e falava que eu ia parar. Pronto! Era motivo de briga lá em casa.

V: E na Luta Olímpica eles já estavam mais acostumados?

A: Já, já. Na Luta Olímpica já me viam no esporte. Inclusive hoje tem gente que ainda pergunta se eu estou no judô ou então naquela coisa de luta lá. Meu pai inclusive que eu não tenho muito contato, nunca tive ou as pessoas da família dele ainda quando me

encontram falam: Você ainda tá no judô? Às vezes eu nem perco tempo explicando. Eu falo: é, é, tô, tô. Que eu sei que a pessoa não vai compreender.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento?

A: Eu acho que é quando a gente começa a ter reconhecimento, né. Que assim, eu posso ser uma atleta de rendimento na minha cabeça e não ser reconhecida como tal, né. “Ah! Recebeu um prêmio de destaque na academia, recebeu um incentivo financeiro”. Isso conta muito, a viajar mais, a se comprometer, ter metas e objetivos pras competições. Aí eu percebia que se eu faltasse num treino não era mais “Ah! Faltei”. Não! Aquilo já tinha importância, já tinha a minha própria cobrança. Se meu professor não me cobrasse eu me cobrava. Acho que você já começa a perceber que aquilo já não é só brincadeira, já passa a ser profissional. Acho que é um processo, né.

V: Comente sobre suas conquistas pessoais, esportivas. O que a Luta Olímpica trouxe pra você?

A: Ah, estudo, conhecer o mundo. Hoje eu tenho uma situação financeira estável, agregou minha personalidade. Eu acho que tudo que eu sou hoje é pelo esporte, é pela luta. Eu não me vejo sem isso. Eu não sei onde eu estaria hoje. Não teria conhecido metade dos países que eu conheço, não ganharia metade do salário que eu ganho, não teria esse reconhecimento todo, talvez não estivesse formada, porque uma faculdade não é barata, não é qualquer um que pode pagar. Tudo.

V: A faculdade, no caso, ela...

A: Foi bolsa.

V: Pra atleta?

A: É. Falta um ano e meio pra terminar, lá no Sant’Anna. Um ano e meio pra terminar Educação Física, também estudando lá. Inclusive lá no Sant’Anna é uma das faculdades que mais apoiam atleta lá. É, porque teve uma época que eu e minha mãe, antes de eu

morar em Curitiba, a gente fez um currículo, eu saí de porta em porta pedindo bolsa na faculdade e eu não consegui. Foi só depois de muito tempo que eu consegui bolsa lá no Sant'Anna e lá eles têm milhões de bolsistas. Na minha sala metade era bolsista na Luta. É uma instituição que, realmente, ajuda muito o atleta. Nunca vi igual. Tanto, assim, que a maioria dos atletas que você for entrevistar que são de ponta, de São Paulo, eles estudam no Sant'Anna.

V: Você tem na formação em um curso superior como parte de algum plano para o futuro?

A: Um objetivo pessoal. Eu acho que o estudo tem que andar aliado com o esporte, né. Como diz um ditado latim “Mente sã, corpo sã”. Não pode trabalhar só o corpo. Acho que tem que ter equilíbrio. A mente faz parte.

V: E quais dificuldades que você enfrentou, se enfrentou, pra chegar até aqui?

A: Dificuldades, se enfrentou, é até uma pergunta engraçada. Porque eu acho que todo atleta enfrenta suas dificuldades, né. Por mais que seja atleta, assim, ah! Tem muito atleta no judô, essas coisas, que tem uma família que tem como dar uma ajuda financeira. Mas dificuldade sempre tem, né. A gente tem as dificuldades com o compromisso com nós mesmos, tem dificuldade de cumprir meta. Eu, como minha mãe foi solteira, me criou, eu tive dificuldade financeira. Meu primeiro professor me bancava, como ele bancava os próprios filhos no esporte, o Messias, do judô; tive dificuldade de, ah, de muita coisa. Acho que às vezes você sente falta também de uma estrutura familiar, né. E tudo isso a gente acaba superando, eu acho. O atleta acaba trazendo todos os problemas pra dentro do tapete e resolve ali mesmo.

V: Diante das dificuldades, o que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

A: O próprio esporte. Eu acho assim, o esporte é uma mágica na vida das pessoas, sabe. Nos adolescentes, o judô. Eu vindo de uma família pobre, eu sei que se não fosse o esporte, talvez hoje eu não tivesse tão bem estruturada, hoje eu não tivesse condições de



estudar, de conhecer o mundo, de ser a pessoa que eu sou. Porque o esporte não só te ajuda financeiramente, não só te tira das drogas, ele agrega mesmo personalidade. Então, acho que a gente fica viciada daquilo, né. Eu... É uma motivação interna. Eu não sei viver sem luta mais. Eu acho que é meu mundo, assim. É engraçado como quando no treino eu não tô bem, a vida, eu fico mal humorada o dia inteiro. Se eu tô bem no treino, o mundo pode desabar, pode vir o problema que for, que eu tenho mais força pra encarar. É engraçado isso. E quando eu tô mau no treino, qualquer coisinha me faz chorar, qualquer coisinha me faz mal. Eu acho que o treino é a vida, porque parece que sem ele, se eu não tiver bem, não tem sentido, mais nada tem sentido. Pronto! Desabou. É muito engraçado isso, é muito dependente. Eu sou muito dependente do esporte. E não só eu. Conversa com as minhas amigas. Às vezes ela fala: “Ai, tô mal. Vou treinar”, sabe. Parece que... Poxa! Fui treinar, tirei tudo. Pronto! Agora tô bem pra resolver meu problema ali, em casa, resolver meu problema aonde for.

V: Em relação ao público, como você percebe o interesse pela Luta Olímpica, se puder ser mais específica, pela Luta Olímpica feminina hoje?

A: Eu acho que aqui no Brasil ainda é uma coisa assim, meio ilusória de se falar, né. Não tem um público. Quem vem assistir nossas competições são as pessoas que são do meio mesmo do esporte, da luta, de lutas, pais, familiares e tal, que vão ver aquilo como, sei lá, o máximo, minha filha tá lutando, né. Mas eu acho que ainda é bem preconceituosa a visão dos leigos, dos brasileiros quanto ao esporte, por não conhecerem mesmo, por não saberem do que tão falando e às vezes olhando falam: “Ai, que isso? Um monte de mulher se agarrando, um monte de homem se agarrando”, né. Eu acredito que com a chegada do MMA mais forte, do UFC no Brasil, as pessoas tão criando paixão pelas lutas, então, isso traz informação. Conforme tem paixão, então a mídia começa a falar mais dos esportes, as pessoas vão tentar entender do que elas estão falando, assim como entendem de futebol. Qualquer um é árbitro de futebol aí no Brasil. Vão saber das regras, vão olhar nosso esporte com outros olhos, com olhos técnicos e não leigos né. Aí eu acredito que a visão do público muda um pouco.

V: A próxima pergunta é exatamente sobre a mídia. Como que você vê a relação e o interesse da mídia com a Luta Olímpica?

A: A relação da mídia é um caso, assim, bem... não só em relação à Luta Olímpica, né. Obviamente é uma instituição financeira, ela precisa de lucro, né. É uma instituição que não vai televisionar algo por nada, né. Eu acredito que pra gente conseguir atenção da mídia a gente tem que trazer resultado, né. E esse resultado precisa de investimento e, às vezes, esse investimento precisa da visão da mídia. Então é, assim, bem um círculo vicioso, porque, às vezes um patrocinador quer saber se você vai tá vinculado à mídia pra poder te dar o dinheiro que você precisa pra render e é esse rendimento que vai fazer com que a mídia olhe pra você. Então, é fácil, né, depois que você é campeão olímpico, depois que você tá no esporte aí como o melhor, a mídia vir atrás e os patrocinadores também. O difícil é chegar lá e quebrar este círculo vicioso. É chegar lá. Quando você chega lá é fácil conseguir atenção da mídia. E é essa batalha que a gente tá travando hoje, nós pioneiras, é esse o desafio tão grande. E eu acredito que vai ter um prazer imenso a hora que a gente quebrar esse círculo vicioso e cair no gosto da mídia, aí vai ficar tudo mais fácil.

V: Então, o que você acha que seja necessário no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais divulgada, mais reconhecida?

A: Pela mídia? Ou pelo público em geral? Para que a gente tenha mais incentivos?

V: Por tudo que você puder descrever...

A: Eu acredito que mídia tem uma parcela muito importante aí. A mídia, a nossa Confederação né. Que eu acho que a Confederação também tem que ter esse trabalho de marketing dos atletas, de buscar patrocinadores. Eu acho que o investimento certo. Eu acredito que com as olimpíadas de 2016 aí, as pessoas tão se mexendo com mais atenção pra tudo isso. Eu acredito que isso vai acontecer da melhor maneira que poderia acontecer nos melhores anos da nossa vida. Eu acho que se tem uma época boa pra se aproveitar o melhor dos esportes, o momento é agora porque todos estão interessados nisso.

V: E sobre esse momento que a Luta Olímpica está vivendo, da possibilidade de estar fora do quadro olímpico de 2020. Como que você vê isso?

A: Pra mim, o primeiro momento que eu vi eu assustei e até cogitei possibilidades. Depois comecei a pesquisar, entender melhor e a ler, eu comecei a perceber: “Poxa! A Luta só ficou fora de um Jogos Olímpicos na história das Olimpíadas”. A Turquia que é um país que tá competindo pra ser sede, de 39 medalhas que o país tem, 28 são na Luta Olímpica. Então, são coisas assim que levam a gente a crer que é jogada política. De repente é uma jogada pra levantar a mídia da Luta, pra fazer o órgão, a Fila, que é o órgão internacional da Luta se mexer, pra mexer na regra, eu não sei. Pra tornar isso mais atrativo pro público, não sei. Eu acredito que seja uma jogada política e se essa tentativa de tirar a Luta de 2020 trouxe mais atenção da mídia, ótimo! De repente era esse o objetivo e foi cumprido, né. Eu acredito que isso não vai acontecer não.

V: Bem, eu gostaria que você falasse agora de um sonho que você já tenha realizado ou que você ainda queira realizar e alguma decepção que, por ventura, você tenha tido em sua trajetória na Luta Olímpica.

A: Ah, o meu sonho foi a medalha do mundial que, apesar de ter ficado pra trás, que foi em 2006. Eu já não sou vice-campeã mundial, eu fui. E hoje eu tenho que buscar novos desafios. Meu desafio hoje é a medalha olímpica, a medalha no mundial, no sênior, que eu conquistei no júnior. Decepção foram muitas. Porque depois que eu consegui minha medalha no júnior eu lesionei minha coluna, eu tive vários problemas e fui bem deixada de lado, sabe. Hoje eu estou me reerguendo. Hoje eu conquistei novamente a atenção dos técnicos, dos dirigentes a minha volta, por mostrar novamente que eu sou capaz. Só que, às vezes, me leva a perguntar: “Quantas vezes a gente tem que provar nossa capacidade pra conseguir o que merece?” A gente sabe que em todo esporte nem sempre o que vai é o melhor, nem sempre o que tem o incentivo é o melhor. E é assim em todo lugar. Então, foram essas as minhas decepções. Eu sei que talvez se eu tivesse tido o investimento que outras pessoas tiveram, talvez hoje eu ainda seria o que eu fui em 2006, como vice-campeã mundial. E esse interesse não é só meu. Esse é um interesse da Luta, do Brasil em geral, da Confederação. Então, eu não sei até que ponto essas

peessoas estão realmente engajadas com a Luta. Eu me decepcionei demais e, agora, assim, depois de ter perdido a classificação olímpica, eu fiquei um tempo revoltada com a luta, como sempre a gente tem as fases, e aí resolvi me reerguer e falei: “Não! Eu vou lutar de novo. São mais quatro anos e eu tô aí”. No final do ano passado, na Copa Internacional que teve aqui no Brasil, a primeira vez com a participação de vários países de fora muito fortes. Veio o Canadá, veio Índia, veio muitos países fortes. A única atleta a ganhar de atletas de fora e ser campeã fui eu. Teve outra menina campeã no 55 sem nenhuma disputa estrangeira. Eu ganhei de duas canadenses, uma delas vice-campeã mundial universitária no mesmo ano. Então, eu me sinto feliz por estar novamente chegando lá, mas ainda decepcionada. A ferida não cura, né, por saber, por saber de novo, porque eu cheguei a acreditar que eu não era mais capaz. Falava assim: Ah, isso passou. 2006 passou. Hoje eu ainda tô redescobrando que eu ainda sou capaz. Eu ainda tenho lá no fundinho aquela Aline que conquistou a medalha no mundial e que nenhum outro brasileiro conquistou. Mas acho que a ferida e a decepção ficam, né. De saber porque agora que eu tô no auge de novo vieram me dar atenção, não me deram quando eu tava no lixo, sendo que eu já tinha provado do que eu era capaz, né. Então... é uma história muito longa (rsrs).

V: Sobre sua renda mensal: você vive só da Luta Olímpica? O que compõe a sua renda?

A: Bolsa atleta. O Bolsa Atleta foi a maior conquista que nós atletas tivemos nesse país. Por que antes do Bolsa Atleta não se ouvia falar que um atleta era capaz de viver de treino, né. E começou, assim, até com um valor até irrisório e hoje é um valor que sim dá viver. Muitos pais de família vivem com o valor do Bolsa Atleta nacional pra sustentar filhos. Então o Bolsa Atleta é o principal. É uma coisa que deixa a gente tranquilo. A gente sabe que vai receber. Porque antigamente o patrocínio, você conseguia um patrocinador com uma empresa, você recebia um, dois meses. Você não sabia o que era de você no próximo mês, se a empresa ia continuar ou não. O Bolsa Atleta, o SESI, que é meu clube que, assim, eles dão toda estrutura de treinos pra gente. É um clube, assim, bem, eu acredito, assim, eles estão inovando bastante, pegando modalidades pioneiras que não investimentos como o deles em outro lugar do país como clube. Hoje minha renda é composta por Bolsa Atleta e SESI.

V: Sobre a modalidade, você consegue perceber ou existe alguma diferença entre a Luta Olímpica feminina e masculina em regras, em patrocínio, incentivo, público?

A: Sem dúvida. Aqui no Brasil. Assim, você tá falando aqui no Brasil? Ou no mundo?

V: Geral. O que você consegue perceber.

A: No mundo o fanatismo maior é com o masculino, com a greco-romana, que é o esporte mais antigo, mais tradicional. O feminino é um esporte que tá chegando agora. Até por isso a gente mais chance. No Brasil o incentivo é mais pras mulheres porque pra nós é mais parelho conseguir um resultado, né. Apesar de que os meninos vêm lutando muito bem. É... A regra muda sim. Muda o estilo de lutar porque é de acordo com suas capacidades físicas, né. O homem é mais explosivo, um pouco mais forte, a mulher é um pouco mais lenta, né. Vamos usar um pouquinho mais de manha. Greco é totalmente diferente (do estilo livre) porque a regra difere totalmente. Então, claro, tem muita diferença sim.

V: Como que é sua rotina de treinos no decorrer da semana?

A: A gente treina todo dia, segunda a sábado, sendo as quartas e sábados um treino porque teria descanso; duas vezes por dia, pelo menos. Às vezes lá em São Paulo, no SESI a gente tem três treinos por dia; aí às vezes quarta não tem descanso, depende muito do ciclo de treinamento.

V: E assim, tem outras atividades fora o treino técnico de Luta Olímpica?

A: Sim, a gente faz musculação, corrida, lá em São Paulo a gente faz natação, jogo, faz de tudo, assim, diversifica bastante.

V: E nos dias de luta ou que antecedem as Lutas, a rotina muda? Tem alguma preparação especial?

A: Tem a concentração no Centro de Treinamento, né. A gente fica cerca de duas semanas concentradas, treinando todos os dias de manhã e à tarde. É concentração total. O que muda é o foco, mas a rotina é puxada do mesmo jeito.

V: Essas exigências corporais e técnicas da Luta Olímpica, elas interferem na sua feminilidade?

A: Às vezes, às vezes. Não dá pra mentir que não. Por exemplo, eu adoro unha comprida, eu queria ter a minha unha longa e não dá, não posso, porque senão eu vou arranhar todo mundo no treino e vai ser horrível, né, ninguém vai querer treinar comigo... (rsrs). Cabelo, às vezes, acaba quebrando um pouco. Tem tudo isso, né. Às vezes, é... Eu tenho que lutar até 72, eu acho que eu acho que eu fico muito magra com 72, mas eu tenho que ter esse peso, paciência. Tem sim, mas eu acho que dá. Eu não desisto. Eu acho que dá pra manter a feminilidade lutando. Então, eu não desisto, sabe. Eu tento ser feminina o tempo todo.

V: Você pode descrever, então, pra você, o que é ser feminina?

A: Ai, eu acho que mulher é tão complexo, né. Ser feminina, eu acho que... Não sei explicar (rsrs). Eu acho que é gente, assim, aceitar que, apesar de toda a nossa garra pra lutar, a gente tem nossas fraquezas, é saber tirar proveito delas, né. Eu acho que mesmo lutando eu não preciso ser forte o tempo todo, eu posso ser maliciosa, eu posso ser jeitosa e usar da minha feminilidade pra ganhar. Eu acho que tem tudo ao contrário do que tem o bruto, né, o bruto do homem. A mulher ela, ela é mais maleável, é uma coisa mais delicada, dá para ser delicada sim lutando (rsrs). É muito coisa pra descrever a feminilidade ali é muita coisa.

V: E no seu cotidiano, em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar dos outros?

A: Olha, no treino eu acho até uma coisa legal. Quando a gente treina com homem, a gente costuma até se portar diferente. Eu, principalmente, em cima do tapete porque eu quero ser vista diferente. Eu não quero que me vejam como “a mulherzinha”, quero que

me tratem com respeito e de igual pra igual. Então, encima do tapete, no máximo do possível, a agente tenta se tratar de igual pra igual. Fora do tapete, eu acredito que quem é leigo, de fora, pra variar, vê com diferença. Sempre tem aquela piadinha: Ai! Você luta? Não quero nem chegar perto. Você tem namorado? Ah, eu não namoraria com uma mulher que luta. As piadinhas, né. Mas, acho que pra mim isso já passa despercebido. Eu adoro quando eu saio e alguém pergunta: Ah, o que é que você faz? Sou atleta. De quê? Do vôlei? Não, luta. Nossa! Mentira que você luta. Mas você já lutou em algum campeonato? Vários. Ganhou algum? Tipo, menosprezando, né. Não pode ser que você ganhou algum. Vários. (rsrs). Adoro isso. Adoro surpreender. Adoro.

V: Sobre o seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

A: Não, acho que nenhuma mulher é satisfeita, né. Eu não tô (rsrs), eu não tô... Eu queria colocar silicone, eu não tô, não sei. Eu queria fazer depilação definitiva porque eu não suporto pelo. Depilo agora, semana que vem já tem que depilar de novo. Eu não vou dizer que eu estou satisfeita.

V: O silicone, por exemplo, você não coloca por conta da Luta Olímpica?

A: Sim. Hoje por conta da Luta, até porque eu teria que parar três meses e eu não tenho um período em que eu não tenha uma competição na minha cabeça importante pra poder parar três meses. Então, eu não coloco hoje por isso. Mas eu me aceito, eu me aceito legal. Sempre tenho aquela insatisfação. Acho que nunca vou tá satisfeita, nunca. Mas eu me gosto, eu me gosto do jeito que eu sou sim.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo que possa ser atribuído à Luta?

A: Sim. O peito. O peito é uma. Quando eu era novinha minhas amigas até me zuavam que eu tinha o peito grande e aí eu ficava com vergonha, não queria. Porque da minha turma eu cresci muito rápido. Tipo, com 11 anos eu já tinha quase um corpo de mulher, né. E eu não queria, porque eu queria ser menina igual a todo mundo. Aí hoje eu vejo, assim, que com o treino, o seio é gordura, você acaba perdendo sim. Não tem como não perder. Aí eu falo: Poxa! Queria tanto meu peito de volta (rsrs). É isso assim, acho que

muda um pouquinho sim. E eu era mais grilada, assim, com o braço masculino, porque ficava um pouco mais forte, as costas mais largas. Mas hoje em dia, com a geração aí das mulheres bombadas, né, ter as costas largas e os braços bonitos virou coisa ótima, né, bonita. Todo mundo quer ter, né. Então, eu acho que a gente se aceita melhor com isso. Não é só mulher que luta que tem braço. Você vê as popozudas aí tudo de braço, né. Aí fica mais tranquilo, eu acho.

V: Aline, e o que a Luta Olímpica significa pra você?

A: A Luta é a minha vida. Apesar de tudo... Apesar de tudo, porque, assim, os dirigentes, técnicos nem sempre pode se dizer que eles fazem parte da Luta Olímpica. São peças necessárias para que isso funcione. Então eu isolo tudo isso e se você perguntar só a Luta, a Luta, o que representa pra mim é a minha vida. É tudo.

V: É isso. Mas, eu queria de perguntar se você quer comentar mais alguma coisa sobre o que a gente falou, sobre o que a gente não falou?

A: Não, não, não. Eu acho que é isso mesmo. Você perguntou de tudo.

V: Aline, então eu gostaria de agradecer por sua disposição, por você ter dedicado uma parte de seu tempo pra mim. Brigada!